



A ascensão da extrema direita e as consequências para as democracias

Kátia Alves FUKUSHIMA*

 <https://orcid.org/0000-0001-7588-9228>

Ana Targina Rodrigues FERRAZ**

 <http://orcid.org/0000-0002-3679-8611>

As conquistas civilizatórias das sociedades capitalistas ocidentais do pós-segunda guerra mundial, notadamente o igualitarismo e as liberdades democráticas, pareciam consolidadas nas sociedades europeias e americana e em vias de consolidação nos países periféricos nos últimos trinta anos. Embora com percalços ou diferentes níveis de adesão às chamadas regras do jogo democrático (liberdade de imprensa, associação e manifestação, império das leis e independência do judiciário, adoção e respeito aos direitos civis, políticos e sociais) os estudiosos no início dos anos 1990, após a queda do muro de Berlim e da União Soviética, falavam em uma terceira onda mundial de democratizações. O nazismo, o fascismo, o stalinismo, o franquismo, o salazarismo e as ditaduras latino-americanas pareciam relegados aos porões da história e os partidos ou movimentos de extrema direita, resquícios autoritários que mobilizavam poucos.

Mesmo as graves crises econômicas que abalaram diversas economias, em particular, na periferia do capitalismo, nos anos 1980 e 1990, pareciam não afetar a construção da democracia. Por isso, o avanço de líderes, partidos e movimentos de extrema-direita tem abalado os padrões da competição partidária e a própria democracia em diversos países. A eleição de Donald Trump, em 2016, para a presidência dos Estados Unidos, uma figura polarizadora e com um discurso xenofóbico e racista, foi sem dúvida um ponto de inflexão na democracia norte-americana (NORRIS; INGLEHART, 2018). Assim, como a eleição de Jair Bolsonaro no Brasil se colocou como uma ameaça à democracia brasileira. Na Europa Ocidental, também assistimos o avanço de partidos e lideranças de extrema-direita na competição política, como na França com Marine Le Pen (Reagrupamento Nacional) que na eleição presidencial de 2017 alcançou o segundo lugar no primeiro turno; na Hungria com a eleição de Viktor Orbán (partido Fidesz) para primeiro-ministro e na Alemanha, em que o Alternativa pela Alemanha (AfD) se tornou a terceira força do *Bundestag* com o resultado das eleições gerais de setembro de 2017. Tais lideranças, com visões conservadoras, nacionalistas e anti-imigração, apresentam, segundo Norris e Inglehart (2018), uma retórica populista para legitimar seus estilos de governança,

* Socióloga. Doutora em Ciências Políticas. Pós-Doutoranda em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo. (Ufes, Vitória, Brasil). Bolsista Capes/Fapes. E-mail: kafukushima.politica@gmail.com.

** Assistente Social. Doutora em Ciências Sociais. Professora do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes, Vitória, Brasil). E-mail: anatargina@uol.com.br.



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2019 Acesso Aberto Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

promovendo valores autoritários que ameaçam as instituições democráticas de seus respectivos países. Para os autores, a união de uma retórica populista aos valores autoritários, traz como consequência a política da exclusão: do *nós* contra *eles*, justificando, por exemplo, as restrições à entrada de imigrantes, refugiados, requerentes de asilo e estrangeiros, e o uso de políticas como requisitos oficiais de idioma ou proibições de certas práticas religiosas, defendendo, portanto, a intolerância, o racismo, a homofobia, a misoginia e a xenofobia. Legitimam, portanto, o discurso do ódio e, no limite, a morte daqueles que devem ser excluídos, ou seja, dos grupos considerados minoritários. Luis Felipe Miguel, nos mostra que essa concepção de um *populismo de direita*, utilizado pelo *mainstream* da Ciência Política, para definir as novas ameaças autoritárias se mostra vaga diante de um termo tão controverso quanto o populismo. O autor em seu texto *espolitização e antipolítica: a extrema-direita na crise da democracia*, publicado nesta edição, buscou

[...] entender a extrema-direita atual como um fenômeno específico, que se inspira em elementos da retórica dos fascismos clássicos, em especial a exploração dos ressentimentos das classes médias, adaptando-as às condições da esfera pública contemporânea, marcada pela presença de bolhas discursivas muito fechadas e pela emergência da chamada ‘pós-verdade’. Seu sentido geral é bloquear a possibilidade de re-democratização, apassivando os grupos dominados (MIGUEL, 2021, p. 16).

Para além das diversas abordagens que podemos encontrar – das democracias consideradas consolidadas às democracias periféricas – o contexto de ascensão da extrema-direita gerou uma série de indagações aos estudiosos das ciências sociais e políticas. Para muitos intelectuais, como afirma Przeworski (2020), a eleição de figuras como Trump e Bolsonaro foram vistas como inesperadas. O que explica o presente contexto? As democracias estão em crise? Os partidos estão em crise? Os eleitores, afinal, estão se tornando ou sempre foram conservadores?

Podemos encontrar muitos fatores explicativos desse fenômeno, dentre os quais, podemos destacar que a ascensão da extrema direita constitui mais um movimento, que começou com o avanço da hegemonia neoliberal, no sentido da completa destruição das conquistas civilizatórias e democráticas do pós-Segunda Guerra Mundial. A defesa de uma agenda (neo)liberal e conservadora estimula o individualismo e tem promovido cenários de polarização política e uma reação, por vezes violenta, contra aqueles que reivindicam um mundo mais plural e mais democrático. Por isso, “Pessoas de orientações políticas, valores e culturas diferentes veem umas às outras cada vez mais como inimigas. Estão dispostas a fazer coisas terríveis” (PRZEWORSKI, 2020, p. 25). Por outro lado, a exacerbação das desigualdades e o empobrecimento de parcelas cada vez maiores da população suscita ressentimentos, rancores e inconformismos que buscam formas de escape.

Entender os fatores que levaram a ascensão da extrema-direita e as consequências de seus discursos e de suas políticas se faz imprescindível para aqueles que se preocupam com o futuro de nossas democracias. Neste sentido, os artigos publicados nesta edição – volume 13, número 2 – buscam contribuir para a reflexão e debate sobre o tema.

Para abrir esta edição, a seção debates traz o artigo de Luis Felipe Miguel *Despolitização e antipolítica: a extrema-direita na crise da democracia*. Em seguida, Jorge Chaloub, em seu artigo *Os lugares da política na crise da democracia*, dialoga e debate com o texto de Miguel a partir de três pontos centrais apresentados pelo autor: (a) a crítica às interpretações mais correntes sobre a crise da democracia contemporânea (b) uma reflexão sobre as relações entre capitalismo e democracia e (c) um debate sobre as melhores formulações conceituais para compreender os ataques de grupos sociais e líderes globais à democracia. David Moreno Montenegro, ao comentar o artigo do professor Luis Felipe Miguel, procura ressaltar as impossibilidades da democracia liberal na periferia do capitalismo, nas economias dependentes, em que o papel do Estado e da dívida pública tem sido o de perenizar a espoliação de trabalhadores e trabalhadoras, impedindo qualquer avanço social em prol dos mais pobres, reduzindo suas possibilidades de intervenção na vida pública por meio das instituições democráticas e reforçando o caráter autoritário das burguesias latino-americanas e dos seus Estados nacionais. No artigo seguinte *Luta de classes e crise da democracia*, Aline Fardin Pandolfi, destaca a relação entre crise estrutural do capital e crise das democracias liberais, estabelecendo seus nexos e evidenciando o quanto as conquistas democráticas foram importantes para o avanço da emancipação política de trabalhadores e trabalhadoras, mas que no momento em que os ganhos da burguesia estão ameaçados, é preciso estreitar a democracia e suas instituições e dar lugar a regimes autoritários e de conformação nitidamente fascistas para que o fluxo da acumulação possa seguir sem óbices.

Para abrir a seção de artigos temáticos, o texto *A Marcha do Velho Novo: sobre as determinações do fascismo ontem e hoje* de Eduardo Mara apresenta um resgate do debate teórico entre marxistas acerca do fascismo como possíveis critérios de interpretação da presente realidade brasileira.

Já o artigo de Gilberto Calil, intitulado *Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita*, analisa a trajetória de Olavo de Carvalho, mostrando qual seu papel no avanço da extrema-direita no Brasil, bem como sua relação com a família Bolsonaro e, logo, sua influência no atual governo brasileiro.

No artigo seguinte, José Whellison Brito dos Santos em *O fascismo no Brasil contemporâneo e o Estado de contrainsurgência* busca encontrar, a partir das análises realizadas por Ruy Mauro Marini sobre tendências fascistas do Golpe de 1964, as chaves interpretativas para a compreensão do Golpe de 2016.

A continuação, Amanda Sales da Silva em *O conservadorismo brasileiro na atualidade: sua filiação à agenda neoliberal* mostra a estreita ligação entre o conservadorismo e a agenda neoliberal e como esta relação ganhou intensidade e legitimidade no processo eleitoral brasileiro de 2018.

O artigo de Jose Manuel Castillo, intitulado *Alemania y la austeridad: de la crisis del euro a la Covid-19*, mostra, a partir de uma revisão histórica da concepção hegemônica ordoliberal nas políticas monetárias alemãs, bem como, da compreensão da atual conjuntura político-econômica, o motivo da mudança discursiva realizada pelo Governo de Angela Merkel no que se refere à política europeia.

A partir da conjuntura brasileira atual, com a ascensão de políticas ultraneoliberais e neofascistas, o artigo de Leonardo Carnut busca analisar o papel dos sistemas agroalimentares na conformação da pandemia do novo coronavírus como parte integrante da totalidade da crise capitalista e sua implicação na área da saúde.

Na seção temas livres, há seis artigos que tratam de assuntos diversos, trazendo para o debate os temas sobre a apreensão e análise da realidade a partir do método em Marx; a migração de trabalhadores rurais na pandemia; a Reforma Psiquiátrica e Unidade de Custódia com foco no tratamento psiquiátrico do Espírito Santo; as reações políticas dos trabalhadores no contexto da indústria 4.0 e da inteligência artificial; a análise das justificativas das propostas sobre redução da maioria penal e; sobre denúncias de infrações éticas no conselho regional de serviço social do Paraná.

Esperamos que esta edição propicie significativas reflexões sobre o tema e estimule cada vez mais o debate crítico.

Aos autores e autoras, pareceristas e demais colaboradores (as) desta edição, gostaríamos de expressar o nosso agradecimento.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!

Referências

NORRIS, P.; INGLEHART, R. **Cultural backlash**: Trump, Brexit, and the rise of authoritarian-populism. New York: Cambridge University Press, 2018.

PRZEWORSKI, A. **Crises da democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.